

OS AUTORES

Adelino Marques | António Martins Teixeira
Augusto Lemos | Arek Golosz
Bohdan Hrynyshyn | Conceição Magalhães
Diana Pankova | Eugénio Silva
Gaby Silva | Grzegorz Kincel
Irene Grazi | Ivan Domaratsky
Ivan Piano | Jeff McConnell
Johanna Dembinski | Juliana Silva
Kümei Kirschmann | Ksawery Wróbel
Licínio Florencio | Luis Domingos
Luis Veloso | Magdalena Nowak
Maria Mónica / Pedro Nascimento
Martin Ogolter
Michel Claverie | Mirosław Radomski
Nick Dvoracek | Niels Hansen
Pawel Nowak | Peter de Graaff
Raffale Ballirano | René Vonk
Rima Virbauskaite | Rui Apolinário
Séverine Morizet | Sandra Luz Escobedo
Simone Ludovico | Teresa Nunes
Tiago Thedim | Trygg Tarja
Viktorija Vaitilavičiūtė | Zilvinas Glusinskas

Durante a exposição, são projetadas muitas outras imagens pinhole.

Fotografia capa: Mirosław Radomski



Rua de Miraflor nº 155 | 4300-334 Campanhã, Porto
miragalerias.net | miraforum@miragalerias.net
quarta-sábado: 15h-19h / Entrada livre!

PPP - PORTO PINHOLE
PHOTOGRAPHY

IMAGENS
PERIFÉRICAS 3



30 OUT - 31 DEZ 2021

Imagens Periféricas 3

As *Imagens Periféricas* estão de volta e com elas as fotografias estenopeicas/pinhole que, entendidas como objetos pertencentes ao reino do fotográfico, aqui estão mais uma vez para serem vistas, contempladas não importando a sua eventual inscrição numa ou noutra dimensão mais ou menos documental e/ou estética.

Quem está familiarizado com este género de fotografia, sabe que não se trata de uma fotografia comum, porque decerto há de reconhecer nela um conjunto de características que a fazem divergir substancialmente de uma imagem fotográfica produzida por um dispositivo fotográfico “standard” como o é uma máquina fotográfica ou um “smartphone”. Mas, se alguém, para além de saber reconhecer a marca d’água de uma fotografia pinhole, souber que esse objeto, que tem à sua frente, é o resultado de uma câmara escura desprovida de lentes, que foram substituídas por um pequeno orifício, e que por consequência dessa privação ou limitação, os tempos de exposição à luz dos materiais fotossensíveis se tornam substancialmente longos; e que, depois de um longo e demorado processo, o resultado apresenta-se com uma marcada falta de nitidez, desfocado...o que poderá perguntar?

Uma questão que poderá ser colocada, entre muitas outras possíveis, é esta: qual a vantagem ou o interesse, nos dias de hoje, de uma técnica tão arcaica, tão vetusta, como é a técnica da fotografia pinhole? Não é difícil identificar que este tipo de fotografia, contém em si muitos dos elementos presentes numa outra qualquer fotografia (digital, por exemplo): representação, tempo, memória,

passado, sentimento, subjetividade, referente! Contudo, tudo isto é apresentado de uma forma outra e que poderá muito bem contrastar com o que habitualmente nos é dado a ver levando-nos a uma atitude, já rara, de espanto. Citando Pedro Miguel Frade no seu livro intitulado “Figuras de Espanto”: “...o espanto que hoje já não acontece, porque a imagem tornou-se habitual, banal, natural.” E como tentar ultrapassar esta banalidade que é olhar para um registo fotográfico? Pedro Miguel Frade, mais uma vez refere: *...uma ultrapassagem do hábito que permite romper as suas barreiras habituais e que, porque o faz, permite que se aborde senão o impensado pelo menos aquilo que já tinha ficado esquecido.*

E se estas considerações fizerem sentido, então não será difícil admitir que a prática da fotografia pinhole nos dias de hoje, precisamente devido ao uso de uma técnica arcaica cujos resultados contam sempre com uma dose assinalável de imprevisibilidade, poderá por isso mesmo criar a diferença, e com ela, a descontinuidade. Numa palavra, a fotografia assim entendida torna-se pertinente, sendo este conceito, segundo o filósofo José Gil, sinónimo de Contemporaneidade. E se é certo que nesta presença da fotografia pinhole tudo nos remete para o rudimentar, em desacordo com a suposta dinâmica tecnológica do tempo presente, na medida em que se reconhece a sua pertinência uma vez que a sua ação introduz “um outro tempo”, onde consta a descontinuidade, a rutura, a cisão com o tempo cronológico/empírico, então estamos em presença de um Arcaísmo Maior.